



UFAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)**

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO
(de Trabalho de Conclusão de Curso)

DEBAIXO DO SOL

CAROLINA NERIS BARBOSA

PROFA. DRA. MAGNÓLIA REJANE

ANDRADE DOS SANTOS

Maceió, 10 de maio de 2021

DEBAIXO DO SOL

Crônicas de vidas comuns

Trabalho de conclusão de curso
em Jornalismo da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito
parcial para obtenção do grau.

Orientador(a): Prof. Dr. Magnólia Rejane Andrade dos Santos

**Maceió
2021**

RESUMO

O presente trabalho é o relatório técnico do projeto experimental “Debaixo do Sol: Crônicas de vidas comuns” realizado como trabalho de conclusão do curso de jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. O objetivo desse relatório é compartilhar os bastidores técnicos e detalhes da produção jornalística desse produto experimental: elaboração da pauta, escolha das fontes, processo de escrita e edição, dilemas e dificuldades encontradas no processo, bem como aprendizagens adquiridas durante a execução do projeto. A fundamentação teórica que deu base à construção das crônicas passou pelo entedimento da evolução no gênero textual, desde a sua etimologia até às transformações que conferiram características peculiares a crônica na imprensa Brasileira, Tendo como principal referência os apontamentos de José Marques de Melo que aponta a crônica jornalística como um gênero que se situa entre notícia e a reportagem e o artigo e o comentário. O resultado do trabalho é um e-book com 12 crônicas jornalísticas que trazem a história de 11 personagens comuns: missionária, fotografa, cobradora de ônibus, professora de educação básica, assistente social, bancária, doula, poeta, morador de rua, servidora pública, jornalista. Vozes que raramente aparecem na grande mídia como protagonistas, mas merecem ter suas histórias contadas.

Palavras-chave: CRÔNICA . JORNALISMO . MULHERES

ABSTRACT

The present work is the technical report of the experimental project “Under the Sun: Chronicles of Ordinary Lives” carried out as a conclusion work for the journalism course at the Federal University of Alagoas. The purpose of this report is to share the technical background and details of the journalistic production of this experimental product: elaboration of the agenda, choice of characters, writing and editing process, dilemmas and difficulties encountered in the process, as well as lessons learned during the execution of the project. The theoretical foundation that gave rise to the construction of the chronicles went through the understanding of the evolution of the textual genre, from its etymology to the transformations that conferred peculiar characteristics on the chronicle in the Brazilian press. Our main reference was the notes of Jose Marques de Melo, who points out the journalistic chronicle as a genre that is situated between news and report and article and commentary. The result of the work is an e-book with 12 journalistic chronicles that bring the story of 11 common characters: missionary, photographer, bus conductor, teacher, case worker, bank officer, doula, poet, homeless person, public servant, journalist. Voices that rarely appear in the mainstream media as protagonists, but deserve to have their stories told.

KEY WORDS: CHRONICLE . JOURNALISM . WOMEN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
OBJETIVOS	09
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	13
RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES	17
REFERÊNCIAS	19

INTRODUÇÃO

*“A crônica é o rosto humano da notícia”
Alberto Saceldo Ramos*

“Debaixo do sol” é um projeto experimental executado como trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas. Dentre as várias possibilidades apresentadas, a modalidade crônica foi escolhida pela sua hibridez e potencialidade criativa e reflexiva.

Um dos objetivos do jornalismo é trazer informações e construir contextos que auxiliem as pessoas na compreensão do mundo, nesse aspecto a crônica é um dos gêneros jornalísticos que mais possibilita aproximação com o leitor através de sua linguagem coloquial e quase trivial e tem grande potencialidade de levar à reflexão a partir de fatos e notícias, mas também através de coisas simples do dia a dia. O crítico literário Antonio Candido, em seu texto antológico “a vida ao rés-do-chão” traduz com singularidade a potência da crônica:

“por serem leves e acessíveis talvez elas [as crônicas] comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia. [...] Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação, para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio.”
(CANDIDO, 1992. Pag.6)

É a partir do pressuposto de que tudo é vida e passível de reflexão e de que mesmo as experiências mais singelas podem ser transformadas em pautas que esse projeto se estrutura. Tendo a crônica como gênero norteador que permite outra forma de se narrar os fatos cotidianos, a proposta foi trazer as “vidas comuns” e selecionar personagens que dificilmente figurariam entre as notícias ou grandes reportagens e colocá-los no centro da narrativa. Cidadãos anônimos que fazendo seus trabalhos corriqueiros promovem transformações em seus universos particulares e na vida da sociedade.

O propósito das crônicas é ampliar o olhar sobre os múltiplos significados do que é comum. O verbete é traduzido pelo dicionário tanto como é que simples, corriqueiro, frequente, habitual quanto como aquilo que é comum a todos. A premissa é de que na simplicidade das coisas e no rés-do-chão que a vida acontece e nos iguala, fazendo de todos

INTRODUÇÃO

protagonistas. As escolhas e ações diárias de milhares de pessoas comuns fazem o mundo girar, mesmo que não haja um holofote sobre eles. Além disso, é no encontro do que nos é igual que nos reconhecemos. Cada personagem das crônicas apresenta um misto de comum e de espanto. Podemos nos identificar com suas ações ou nos questionar como puderam e conseguiram. E a resposta será: de um jeito muito simples — uma decisão e uma ação de cada vez, dia após dia.

O presente projeto também teve relevância pessoal e significativa para mim, uma vez que me possibilitou unir conhecimentos da minha primeira graduação em letras, trabalhar com um dos meus gêneros textuais preferidos e exercitar um processo de apuração e escrita jornalística com pouco espaço nos ambientes de trabalho atuais.

OBJETIVOS

GERAL:

- Produzir um e-book com 12 crônicas jornalísticas sobre personagens comuns com histórias de vida instigantes.

ESPECÍFICOS:

- Aprofundar os conhecimentos acerca do gênero crônica por meio do estudo das referências bibliográficas;
- Abordar temas como: jornalismo, produção científica, inclusão social, trabalho voluntário, luto gestacional, educação entre outras a partir da vivência das personagens.
- Escrever crônicas através das entrevistas, relatos e pesquisas sobre os temas representados por cada personagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A etimologia da palavra crônica está ligada a sua origem grega “chronos”, relacionada a tempo. Alguns dicionários também definem a crônica referindo-se ao sentido de tempo. De acordo com Massaud Moisés (2003) no início da era cristã o vocábulo crônica designava a relação de acontecimentos listados e ordenados de acordo com a sequência cronológica. Originalmente a proposta do gênero era registrar os eventos sem aprofundar as causas ou interpretá-los.

Até o início do século XIX, a crônica ainda funcionava como relato histórico dando destaque aos acontecimentos concretizados pelos colonizadores e conquistadores, uma espécie de relatório que reconstituía as conquistas à corte, como no caso da carta de Pero Vaz de Caminha. SIEBERT (2014) aponta que a mudança semântica começa a ser percebida a partir de 1808 com a chegada da família real no Brasil e a autorização para a publicação de jornais em terras brasileiras no mesmo ano. A partir desse momento o narrador nativo, ou seja, o brasileiro passa ser um sujeito de discurso. Até aqui, quem falava, escrevia e publicava pelo brasileiro era o colonizador, o europeu. A partir daí, a Imprensa Brasileira ganha novos escritores, além de novas formas de produção e circulação. Ainda que esses escritores se restringissem a um pequeno grupo dotado de privilégios.

A concepção moderna de crônica passou a ser empregada no século XIX, quando o vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário. Para as autoras Flora Bender e Ilka Laurito apesar da evolução do termo “crônica” de certa forma ele permanece atrelado ao sentido original uma vez que “está sempre ligada a ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo” (BENDER e LAURITO. 1999, p. 11).

A ampla difusão da imprensa beneficiou o vocábulo que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica” presente nos jornais impressos nos espaços de folhetins. Foi assim, que de acordo com José Marque de Melo a crônica chegou ao Brasil: “É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas).” (MELO, 1985, p.113-114).

A Imprensa Nacional começa a funcionar e a circular, permitindo a produção de um

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

jornal brasileiro, que leva ao leitor as novidades da terra. Nos espaços dedicados ao entretenimento do folhetim, jornalistas, literatos e novos escritores expressam suas opiniões e as mudanças ocorridas em todos os níveis sociais. A crônica, nesse período, constitui uma nova forma de dizer, em textos que tratavam dos hábitos e costumes dos brasileiros, daí a denominação crônica à brasileira. José de Alencar é apontado como o responsável por firmar o gênero nas páginas dos jornais. Segundo Santos, “foi a partir de 1854, quando José de Alencar publicou o primeiro folhetim da série “Ao correr da pena”, no Correio Mercantil, que o gênero começou a ficar com o jeitão atual” (SANTOS, 2005, p.16).

Para MELO (1985), no jornalismo mundial o termo ainda está relacionado à ideia de relato cronológico enquanto no Brasil, diferentemente, a crônica possui um sentido claro e inequívoco para os brasileiros como um texto breve, relacionado à atualidade e publicado em jornal ou revista.

“No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países.”, (MELO. 1985, p. 111)

Ao longo do tempo a crônica passa integrar em sua forma textual-discursiva a ficção e os comentários dos escritores. Nesse sentido, a opinião do cronista ganha destaque no texto que estabelece uma espécie de conversa com o leitor. Entretanto, essa é uma característica que, segundo MELO (2002), a crônica vai ter especialmente no jornalismo luso-brasileiro, pois no jornalismo hispano-americano o predomínio continua sendo a informação em detrimento da opinião.

Por ser um gênero híbrido, é difícil classificá-lo e determinar a que esfera pertence. A crônica brasileira tem em sua composição traços da história, do jornalismo e da literatura como descreve Artur da Távola em sua crônica:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura. (TÁVOLA, 2001).

CHIQUIM (2014, p. 7) reconhece a dificuldade de classificação da crônica: “Por força da sua ambiguidade – objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária – a

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

crônica tornou-se de difícil classificação. Nela, o acontecimento diário é narrado sob a visão criativa do escritor”. E, ainda que tenhamos uma definição da crônica no jornalismo brasileiro como gênero opinativo, há quem veja nela um potencial informativo: “[...] pode ainda apresentar uma forma narrativa que conta uma história, ser uma crônica informativa que expõe os fatos ao leitor ou, finalmente, apresentar apenas comentários sobre fatos” (TRAVANCAS, 2009, p. 3).

Apesar da hibridez do gênero, MELO (2002) defende que a crônica moderna é um texto eminentemente jornalístico e tem como principais características: fidelidade ao cotidiano e crítica social, além de possuir três condições essenciais a qualquer publicação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva. Para ele há unanimidade quanto à percepção da natureza informativa da crônica e sua proximidade com a notícia e a reportagem. Pesquisadores como Martinez Albertos, Martin Vivaldi, Gil Tovar e Eugenio Castelli também parecem concordar que a crônica é um gênero que não se apresenta de forma pura, mas através da combinação entre informação e opinião, relato e comentário. A informação é o principal, contudo, não é veiculada sem a valoração do fato.

MELO afirma que no jornalismo luso-brasileiro a crônica figura como um gênero opinativo “A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MARQUES DE MELO, 2002, p. 147). De acordo com o pesquisador, apesar da proximidade com a notícia e a reportagem, é mais próxima do editorial, do artigo e do comentário. MELO enfatiza que a característica opinativa da crônica não a afasta dos assuntos do cotidiano, mas, pelo contrário, é do cotidiano e do contemporâneo que se alimenta para dar-lhes um sentido poético.

Em minha opinião, o diferencial da crônica jornalística é sua base na informação e corroborando com o que diz MELO sua atualidade, fidelidade ao cotidiano e crítica social. Contudo, acredito que esse gênero jornalístico não se situa exclusivamente como opinativo, mas como interpretativo. Embora caiba ao jornalista a opinião, seu texto precisa estar ancorado nos fatos, na apuração e informação, mais do que dar opinião, na crônica o jornalista tem o espaço para interpretar os fatos e a realidade que está narrando. Por isso, acredito ser a crônica um gênero tão rico e cativante.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

PRODUÇÃO

O processo de produção jornalística do trabalho teve início em janeiro de 2021 com a seleção das fontes/personagens a partir dos seguintes recortes: deveriam ser mulheres e ter trabalhos ou ocupações comuns, porém tivessem impacto na vida de outras pessoas. O primeiro passo foi a listagem de personagens em potencial e estabelecer o contato. O objetivo era encontrar 12 mulheres. O processo foi relativamente fácil nessa primeira etapa.

As entrevistas foram feitas nos meses de fevereiro e março sendo 05 por e-mail e WhatsApp e 05 via google meet e zoom. As questões impostas pela pandemia, como isolamento social, dificultaram e também ajudaram em parte. Dificultou porque uma das fontes que havia aceitado conceder entrevista, não pode ser entrevistada, pois não tinha habilidade com tecnologia, além de ter baixa visão. Como a personagem pertencia ao grupo de risco e não tinha a possibilidade de ser vacinada por ser alérgica aos componentes da vacina, achei mais prudente não realizar a entrevista pessoalmente pelo risco de contaminação. Ficamos sem outras alternativas de interação e tive de desistir de incluí-la no trabalho. A pandemia também foi um grande instabilizador dos ânimos e emoções, tanto para mim como as personagens. Houve dias sem nenhuma produtividade e outros em que as entrevistas precisaram ser remarçadas. Por outro lado, o isolamento social ampliou meu horizonte de pesquisa de personagens, uma vez que a maioria das entrevistas foi feita via zoom, pude aumentar o meu recorte geográfico e tive 5 personagens que residem em outros estados. Realizar as entrevistas foi uma das partes mais prazerosas do trabalho. Foram aproximadamente 7h de entrevistas, além do tempo de preparação, cerca de 30min para cada uma — por escrito e via zoom — em que organizei as perguntas e fiz as pesquisas sobre as personagens.

A parte da decupagem foi uma das partes mais sofridas por ser um trabalho minucioso e demorado. Levei em média 03 horas para transcrever cada entrevista, nesse ponto, as entrevistas por e-mail foram mais fáceis, pois precisei apenas organizar as respostas no documento. Entrevistas e decupagens se intercalavam. Além das entrevistas, também realizei pesquisas para complementar e checar as informações.

ESCRITA, EDIÇÃO, REVISÃO

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

O momento de escrita das crônicas foi a etapa do trabalho que mais exigiu dedicação, tempo e atenção. Iniciei a escrita depois que o material de todas as entrevistas, decupagem e pesquisa, estava organizado. Dediquei em média 2h30 para a escrita “bruta” de cada crônica. Cada uma foi escrita em pelas duas etapas. A primeira, que chamo que de escrita bruta foi para a seleção das informações e estruturação do texto a partir do viés escolhido para cada personagem. A segunda etapa foi para finalização e arremate do texto que em alguns casos faltava trechos de escrita como a conclusão ou introdução.

Uma das partes mais difícil foi fazer o recorte da história a ser contada em relação a cada uma personagens. Algumas tinham muitas histórias, como foi o caso da Katiane que rendeu duas crônicas. Fiz um recorte antes da edição, para selecionar as falas, informações e gancho com o cotidiano. Muitas histórias que renderiam boas crônicas ficaram de fora. Mas por conta deadline não poderia desdobrar todas as histórias de cada uma. Precisei fazer escolhas do que entraria ou não no texto. Uma opção seria reduzir o número de personagens e explorar mais histórias de cada uma, mas já havia as entrevistas e pesquisas e não queria deixar ninguém de fora, além de acreditar que a diversidade de personagens enriquece o trabalho e está mais alinhada à proposta original. Outra dificuldade que enfrentei durante o período de edição foi o fato de ter contraído covid-19, não apenas eu, mas eu e meu pai ao mesmo tempo. Foram 21 dias em que não tive condições de produzir nada. Retomei o processo de escrita ainda com muita fadiga, mental e física, por isso também foram escritas em duas etapas.

Ainda no campo das dificuldades de escrita poderia citar o incômodo e dúvida em relação a formato final das crônicas. Como há uma indefinição em relação a definição gênero textual que não tem uma estrutura rígida, muitas vezes me questionei se eram realmente crônicas ou se estavam fugindo gênero jornalístico. Deveria ou não incluir a fala das personagens? Deveria procurar nas histórias situações do cotidiano mais específicas ou mais gerais? Estariam suficientemente jornalísticas? Para resolver os conflitos me apoiei na pesquisa teórica que apontou como características fundamentais da crônica a narração, análise e informação com valoração dos fatos pelo escritor.

Finalizada a escrita das crônicas foi a vez do processo de edição e revisão. Mais cortes

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

e alterações aconteceram nessa etapa e também melhorias de referência, ortografia e pontuação. Aproveitando o caráter experimental do trabalho decidi testar 03 possibilidades de interferência no texto: ausência de alguns marcadores textuais, escaneabilidade e diferentes modelos de texto.

Foi consciente a retirada dos verbos marcadores que classicamente vem antes ou depois das falas das personagens nos textos jornalísticos (falou, disse, contou, apontou, afirmou, confessou, lembrou, pontuou etc). Julguei desnecessário reforçar que foi a personagem que falou, pois o texto tem sempre uma única personagem principal. Se há uma fala é dela ou é ela lembrando/citando a fala de alguém. Não acredito que a supressão dos verbos cause confusão como poderia acontecer em uma matéria, por exemplo. Em minha opinião isso também colabora para que o texto flua emendando a informação com o fluxo de pensamento da personagem, além de abrir espaço para o que leitor complete a referência, o significado, que imagine como isso foi dito. Acredito na competência do leitor para fazer o texto funcionar em seus encaixes. É um experimento. Essa decisão está associada segunda de escanear o texto destacando as falas das personagens, mecanismo que ajudará o leitor a diferenciar quando a personagem fala de quando me expresso no texto.

A escaneabilidade é um conjunto de técnicas que garante que o conteúdo seja acessível e lido com facilidade. Em textos digitais o leitor costuma ter o padrão de leitura em F: o olho do leitor passa por duas leituras horizontais dos dois primeiros parágrafos. Depois, ele se direciona para o lado esquerdo da página. É um movimento inconsciente e feito de maneira automática. No presente trabalho a solução encontrada para aplicar e testar a escaneabilidade foi o destaque na fala das personagens através do negrito e fonte diferente.

Logo no primeiro contato o leitor pode identificar as fala e o nome das personagens e pela leitura dinâmica das falas descobrir o tema do texto. Essa opção também foi feita para dar protagonismo às personagens, afinal de contas a história é delas, o que há de mais importante são as falas delas, embora grande parte das informações presentes nas crônicas vieram das próprias entrevistadas. Levando em consideração a possibilidade de leitura dinâmica, a escaneabilidade aponta que em caso de pouco tempo disponível para a leitura, os textos grifados são o que deve ser lido.

O terceiro elemento de experimentação está na construção dos textos. Por si só, a

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

crônica já é um gênero híbrido com muitas possibilidades de escrita. Neste trabalho, os textos têm construções diferentes. Há crônicas maiores, outras menores, com mais citações, menos citações, memorialísticas, mais líricas e menos líricas. Algumas em que expressei mais opinião e outras em que me expressei menos. Foram experimentações de escrita.

DIAGRAMAÇÃO – DECISÃO DO FORMATO

A última etapa da produção jornalística foi a decisão do formato e diagramação. Decidi por publicar as crônicas no formato de e-book (PDF) e disponibilizar o acesso através de link em site. A diagramação foi feita por mim no programa Indesign. Foi um grande desafio. Durante a diagramação surgiu a ideia de acrescentar fotos das personagens, o que eu acredito que enriqueceu o trabalho. Porém, faltou foto da personagem Drika (crônica – a alegria da linha 039), pois como construí a narrativa sem a entrevista formal, não tenho contado dela ou as redes sociais e justamente nesse período de finalização ela mudou de linha e horário, então não nos encontramos mais. Fiquei triste, mas precisava cumprir de finalização do trabalho. Assim que reencontrá-la, pretendo fazer a foto e modificar o e-book.

Essa etapa levou aproximadamente 15 dias e envolveu não só a diagramação, mas também as burocracias referentes a publicação de um livro digital como a solicitação do ISBN e da ficha catalográfica.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

O resultado de 06 meses de processo jornalístico foi mais que a entrega de um e-book de 50 páginas e com 12 crônicas. Foi a experiência mais difícil e mais rica de toda a graduação. Difícil pelo contexto instável de pandemia que, com certeza, afetou a todos e difícil também por ter que executá-la do começo ao fim sozinha, o que é tão diferente do processo natural do jornalismo que é sempre um trabalho em equipe. Mas foi riquíssimo também por poder construí-lo de modo independente, dando forma em todas as etapas e com a responsabilidade de entregar um trabalho maduro e coerente. Outra grande satisfação é ter produzido algo diferente de todos os trabalhos que apresentei na graduação, foi realmente um trabalho de conclusão.

Executar esse trabalho também foi um processo de amadurecimento jornalístico em que pude pesar e compreender quando a pauta e os prazos se impõem. Esse foi o segundo o TCC que fiz para a graduação em jornalismo. O primeiro também tinha o formato de crônicas, mas focavam na formação do jornalista nos espaços de estágio. Seria um bom trabalho. Cheguei a concluir as 12 crônicas e compartilhei com um amigo que questionou: “está bom, mas eu sinto falta da jornalista”. E realmente faltava. Tinha muito de minhas experiências, mas faltava a informação, a apuração, a pauta trabalhada para o outro. Decidi fazer um novo trabalho, com uma nova orientação e sobre algo que há muito tempo me incomoda: a falta de espaço para que mulheres contem suas histórias. A ideia inicial, do novo TCC, era trabalhar apenas com personagens femininas, para dar às mulheres voz, projeção e protagonismo. Contudo, no processo de apuração me deparei com a história de Vanessa e Sr. Milton, em que ele é claramente o protagonista. Me indaguei como contar essa história e como deveria conduzi-la. Deveria retirá-la ou mudar o foco por ser sr. Milton homem? Eu poderia calar, mais uma vez uma voz que fora tão silenciada em vida? Decidi que não. Ele foi o ponto fora da curva. Acredito que esses são questionamentos que o jornalismo nos propõe e que flexibilidade é uma das coisas que ele exige.

Um dos pontos mais enriquecedores em todo esse processo foi perceber como oportunidade de poder contar a própria história pode ser impactante e catártico. Em vários momentos durante a entrevista ouvi das personagens “nunca pensei que eu tinha uma história”, “não pensei que alguém se interessaria pela minha história”, “até hoje não tinha pensado na importância disso”, “interessante, ainda não tinha contado isso para ninguém”. Somos carentes de espaços de escuta e compartilhamento de histórias, de narrativas em que as falas das personagens sejam mais que três frases dentro duas aspas para completar uma lacuna na matéria.

A comunicação social tem a responsabilidade de criar esses espaços que ampliem vozes e permitam encontros de identificação. A pandemia da covid-19 evidenciou isso. Em um ano aproximadamente 500 mil brasileiros perderam a vida abruptamente. Quantas histórias morreram com eles? Quantos temas e pautas relevantes poderiam ter protagonizado antes de virar estatística? Sobre o que poderíamos ter refletido junto com eles? É urgente a construção de espaços de troca que permitam a comunicação de conhecimento e a troca de vida nos variados espaços da mídia e no vasto campo da internet, independente do alcance que possam ter.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

Os gêneros do jornalismo opinativo e interpretativo podem ser esse lugar de comunicação social em que se abre espaço para outras vozes. Acredito que, de alguma forma, esse trabalho contribuiu para isso; também para a difusão do gênero crônica e divulgação de uma vertente do jornalismo opinativo pouco encontrado nos principais veículos e suportes jornalísticos do nosso estado e até mesmo dentro da graduação para estudantes que por ventura venham a consultá-lo no futuro.

Realizar este trabalho foi gratificante, sobretudo, pelo contato com as personagens e como suas histórias agregaram em minha vida, pelo desafio e aprendizagem teórica e prática e acima de tudo por acreditar que vai ser lido e vai acrescentar algo positivo a quem tiver a oportunidade de lê-lo.

REFERÊNCIAS

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica – História, Teoria E Prática*. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 993.

CÂNDIDO, Antonio. *A crônica: O gênero e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. *Para gostar de ler – Crônicas*. São Paulo: Ática, 1992

MELO, José Marques de (org). *Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

_____. José Marque de. *A crônica*. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2005.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.

FERREIRA, Clarissa Janine. *A evolução da crônica no jornalismo brasileiro sob a leitura de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Carlos Heitor Cony*. CELACC – ECA/USP. 2013. Disponível em <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/619-1670-1-PB.pdf> Acesso em 13 de novembro de 2020

TURZINO, Yolanda Maria Muniz. *Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura*. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2021.

SIEBERT, Silvânia. *A crônica Brasileira Tecida pela História. Liguagem em discurso*. Unisul. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2021.

MARTINS, Marcel Neves / DORNELLES, Beatriz. *Crônica: gênero híbrido no jornalismo esportivo de Zero Hora. Leituras do jornalismo*. <file:///C:/Users/anill/Downloads/84-248-1-PB.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2021.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS:

Paula Beltrão – 28 de janeiro de 2021. Via Whatsapp

Natasha Tinet – 30 de janeiro de 2021 – Via whatsapp

Analzira Nascimento – 02 de fevereiro de 2021 . Whatsapp e documentos enviados

Adelaide Nogueira – 04 de fevereiro de 2021. Via Zoom

Aline Martinells – 25 de fevereiro de 2021. Via zoom

Silvia Capeletti – 26 de fevereiro de 2021. Via zoom

Vanessa Thomaz – 12 de março de 2021. Via zoom.

Mônica Machado – 14 de março de 2021 . Via e-mail.

Katiane Oliveira – 23 de março de 2021. Via zoom.

Maria do Carmo – 24 de março de 2021. Via e-mail e whatsapp.